

# O EMPREGO DE NOVAS TECNOLOGIAS NO ENSINO DA GEOGRAFIA

## O USO DO CINEMA NO DESENVOLVIMENTO DAS RELAÇÕES ENSINO/APRENDIZAGEM

**João Americo Aguirre Oliveira**

**Professora-Tutora Externa: Helena Maria Hunning Bom**

Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI

Licenciatura em Geografia (GED1024) – Trabalho de Graduação

06/10/12

### RESUMO

*Este ensaio discorre sobre as possibilidades pedagógicas identificadas a partir da utilização de filmes em sala de aula como recurso didático a ser utilizado por professores no desenvolvimento das atividades relativas ao processo de ensino e aprendizagem, pois a dinâmica cinematográfica envolve várias mídias, como imagem, som, fotografia e infográficos favorecendo a compreensão e apreensão de conteúdos. Objetiva ainda demonstrar a importância do cinema na formação cultural do estudante à medida que o leva a contextualizar conteúdos e conhecimentos fragmentados, desencadeando um processo de aprendizagem integrado, a possibilitar a (re)formulação de hipótese e de opiniões pessoais questionadoras, estimulando-lhe a compreensão plena, pois o fazem utilizar vários dos sentidos atingindo ainda os campos da cognição e da emoção, por conseguinte, capacitando-o a transformar saberes em saberes mais elaborados. Também enumera vantagens e eventuais desvantagens decorrentes do uso deste tipo de mídia, assim como faz sugestões para formas de utilização e temáticas mais apropriadas à Geografia.*

Palavras-chave: Geografia. Novas Tecnologias. Cinema.

### 1 INTRODUÇÃO

O Trabalho de Graduação incluído como componente curricular pela UNIASSELVI no projeto pedagógico do Curso de Licenciatura em Geografia (entre outros) constitui-se, em decorrência dos ditames da legislação vigente<sup>1</sup>, um imperativo para obtermos a titulação no curso que se encerra justamente com a socialização do presente ensaio, ponto

culminante do rico processo de ensino e aprendizagem a que estivemos submetidos ao longo dos três últimos anos.

Assim sendo, para desenvolver este ensaio, estabelecemos como área de concentração o tema emprego de novas tecnologias no ensino da Geografia. Especificamente, escolhemos o uso do cinema no desenvolvimento das relações de ensino e aprendizagem, apresentando e discutindo formas de utilização, aspectos positivos e negativos decorrentes do emprego deste

<sup>1</sup> A Resolução do CNE/CES nº 2, de 19 de fevereiro de 2002, que versa sobre duração e carga horária dos cursos de licenciatura, entre outros.

recurso, tanto em sala de aula como em outras ambiências onde se desenvolvem os processos de ensino/educação, objetivando otimizá-los e torná-los mais profícuos, com consequentes ganhos para professores e educandos.

Sob estas premissas e com a orientação da Professora-Tutora Externa, desenvolvemos a fundamentação teórica, discorremos sobre materiais e métodos, resultados e discussões e apresentamos nossas considerações finais, tudo conforme segue na sequência.

Ensinar comporta, de acordo com Piletti (1997), vários conceitos: no ensino tradicional significa transmitir conhecimento; para os escolanovistas é criar condições de aprendizagem; etimologicamente significa colocar dentro, gravar no espírito. Independentemente da corrente considerada, é a Ciência Pedagogia, com suas disciplinas filosóficas, científicas e técnicas, que vai consubstanciar o fazer do professor. Este ensaio está centrado naquelas disciplinas referentes à técnica educativa, ou seja, que relacionam o ideal e o real, muito particularmente a Didática, que estuda a técnica de ensino em todos seus aspectos práticos e operacionais: o como, quando, onde e por que fazer. Na Didática, muito particularmente os recursos de ensino, classificados como audiovisuais, encontramos o Cinema, objeto deste trabalho.

Os recursos audiovisuais são de extrema importância para o ensino, à medida que estimulam a visão e a audição, possibilitando ainda trazer para o ambiente de ensino e aprendizagem situações da vida real. Evidentemente que o uso deste recurso, assim como de qualquer outro recurso decorrente das possibilidades oferecidas pelas novas tecnologias informacionais, não pode ocorrer aleatoriamente, senão que seu emprego deve ser antecedido de prévio e minudente processo pedagógico, no qual serão avaliados os prós e os contras desta tecnologia, seus aspectos positivos e negativos, e muito particularmente que objetivos se buscam alcançar, não podendo

resumir-se a um mero passar de filme. É sobre isso que vamos discorrer no desenvolvimento desse ensaio, esperando que ao final possamos produzir conhecimentos passíveis de serem utilizados em sala de aula ou em outra ambiência de ensino. Nosso ensejo é que este conhecimento de nossa atividade como pesquisador<sup>2</sup> resulte em prestação de serviço a todos que dele tomarem conhecimento.

---

<sup>2</sup> Para Luna (2007) tanto quanto qualquer pesquisador o acadêmico produz conhecimento sob a mesma rigorosidade metódica, e mesmo que não produza um conhecimento novo, certamente que este poderá ter relevância teórica e social que resulte em “validação social” do trabalho e consequentemente preste serviço aos clientes que o utilizarem.

## 2 A DIDÁTICA E O EMPREGO DE NOVAS TECNOLOGIAS

É consenso que, por maior que tenha sido a contribuição de Comenius<sup>1</sup> para a didática, nos dias de hoje, diante dos avanços da pedagogia, não podemos entendê-la simplesmente como a arte de ensinar tudo a todos tal como propôs este eminente educador em sua *Didática Magna*. O educador moderno, em sintonia com seu tempo, não pode prescindir da metodologia e, conseqüentemente, dos princípios, normas e técnicas da Didática Geral ao elaborar seu plano de ensino/aula. Assim, conforme Sant'Anna e Menegolla, "A Didática deve questionar por que educar, por que ensinar, o que ensinar, a quem ensinar, quando ensinar, como ensinar e com que ensinar." (2002, p. 5). Ela deve orientar sobre os componentes básicos do planejamento de ensino, tais como: objetivos, conteúdo, procedimentos de ensino, recursos de ensino, avaliação.

Apesar de identificar que, via de regra, a prática do professor em sala de aula resulte numa simbiose entre elementos de várias tendências pedagógicas, tanto liberais quanto progressistas, entendo que minha ação identifica-se mais com a Tendência Crítico-Social dos Conteúdos, visto esta centrar seu foco nos conteúdos e saberes historicamente construídos pela humanidade, os quais devem ser assimilados pelo aluno e não reinventados, como, equivocadamente, preconizam algumas tendências não diretivas ou ditas libertárias ou libertadoras, como também pela grande importância que dá à Didática e ao papel do professor na sala de aula, como assevera Saviani (apud MARTINS, 2009, p. 26), para o qual:

Esta tendência atribui grande importância à Didática, cujo objeto de estudo é o processo de ensino nas suas relações e ligações com a aprendizagem. Assim, as ações de ensinar e aprender formam uma unidade,

<sup>1</sup> João Amós Comênio (Comenius, em latim) educador e pedagogo tcheco (28 de março de 1592 – 15 de dezembro de 1670) autor da obra *Didática Magna*, é considerado o pai da didática moderna.

mas não são a mesma coisa, pois cada uma tem a sua especificidade. O objeto da Didática é a direção do processo de ensinar, tendo em vista as finalidades sociopolíticas e pedagógicas e as condições e meios [...].

Importante também entender que, dos componentes do processo didático, aí compreendidos professores, matérias e alunos, estes são os mais suscetíveis às variáveis, internas e externas, que impactam fortemente a ação didática. Daí a importância de obter um mínimo de conhecimento individualizado sobre cada um dos alunos é fundamental, pois:

Internamente, a ação didática se refere à relação entre o aluno e a matéria, com o objetivo de apropriar-se dela com a mediação do professor. Entre a matéria, o professor e o aluno ocorrem relações recíprocas. O professor tem propósitos definidos no sentido de assegurar o contato direto do aluno com a matéria, mas esta atuação depende das condições internas dos alunos alterando o modo de lidar com a matéria. Cada situação didática, porém, vincula-se a determinantes econômico-sociais, socioculturais, a objetivos e normas estabelecidos conforme os interesses da sociedade e seus grupos, e que afetam as decisões didáticas (LIBÂNEO, 1989, p. 55).

No que se refere ao uso de recursos audiovisuais (especificamente o cinema), trata-se de um recurso que atinge o aluno pelos sentidos da visão e da audição, de forma a colaborar para a compreensão e fixação dos conteúdos, pois o ser humano toma conhecimento do mundo através dos cinco sentidos. Pesquisas apresentadas revelam que:

QUADRO 1 – COCIENTES DE APRENDIZAGEM/RETENÇÃO PELOS SENTIDOS

APRENDEMOS	RETEMOS
1% através do gosto	10% do que lemos
1,5% através do tato	20% do que escutamos
3,5% através do olfato	30% do que vemos
11% através da audição	50% do que vemos e escutamos
83% através da visão	70% do que ouvimos e logo discutimos 90% do que ouvimos e logo realizamos

FONTE: Adaptado de: Piletti (1997, p. 156)

Embora os argumentos e dados acima expostos legitimem e justifiquem o uso do recurso de ensino audiovisual, não se pode ignorar que alguns autores como Balzan (apud PILETTI, 1997, p. 186) orientam sobre cuidados com o uso deste recurso:

Na maioria das aulas em que são utilizados os audiovisuais, tudo se reduz a um “passar” de *slides*, filmes etc., deixando-se de lado questões que devem envolver o raciocínio do aluno e que levariam à mobilização de sua capacidade operatória. Em outras palavras: usam-se roupagens novas, mas atua-se conforme os mais rigorosos padrões estabelecidos pela psicologia social-empirista, uma vez que se atribui papel preponderante à imagem, relegando-se a segundo plano a operação mental dos indivíduos. Ou ainda, conforme Piaget: o verbalismo tradicional é substituído por um outro verbalismo, mais elegante e refinado.

Mesmo reconhecendo como legítimas e pertinentes estas ressalvas de Balzan quanto à utilização de audiovisuais em sala de aula, seu emprego na forma correta redundará em ganho para o processo pedagógico, além de poder ser utilizado associado a outros recursos, concomitantes com técnicas que tornem produtivo seu emprego.

## 2.1 O USO DO CINEMA NO PROCESSO DE ENSINO

O cinema em si não pode ser considerado uma nova tecnologia até porque seu surgimento nos remete ao final do século XIX quando os irmãos Lumière, em 28 de dezembro de 1895, realizaram a primeira exibição pública desta arte. Portanto não podemos entendê-la como uma nova tecnologia, embora a disseminação de seu uso doméstico e até mesmo pedagógico venha se dar a partir do advento e popularização de modernos equipamentos de filmagem e projetores eletrônicos, como o DVD, bem como *softwares* que permitiram a qualquer um não somente fazer um filme mas também editá-lo à sua maneira e de acordo com suas necessidades, inclusive filmes lançados comercialmente. Estes recursos possibilitam que o cinema possa ser levado, a baixo custo e sem o emprego de profissional específico, a qualquer sala de aula ou outra ambiência de ensino, mesmo onde não haja energia elétrica, bastando para tanto o uso de acumuladores (baterias).

Capítulo à parte foi o surgimento e posterior popularização da internet, a qual possibilitou a otimização do emprego de audiovisuais como importante ferramenta auxiliar do ensino, com o uso concomitante de imagens, músicas, infográficos e filmes, inclusive aqueles produzidos comercialmente com o fim precípuo de lazer, além daqueles com finalidade pedagógica específica. Esta tecnologia da comunicação permitiu ao

professor, num ambiente escolar, dialoga com todo um universo de produção audiovisual, notadamente acadêmica, cujo limite de uso somente será proporcional à sua capacidade de lidar com as ferramentas que medeiam este universo virtual e as necessidades pedagógicas que se lhes apresentarem.

Araujo (2000) demonstra as possibilidades pedagógicas que a projeção de um filme na escola oferece. Tomando como ponto de partida o gosto pelo cinema, este assume papel de protagonista no enredo do processo ensino-aprendizagem.

O debate em torno das questões educacionais tem gerado muitas controvérsias. Não se pode negar, por exemplo, a ampliação, nas últimas décadas, das oportunidades educacionais. No âmbito específico das práticas escolares, o próprio sentido do que seja “educação” amplia-se em direção ao entendimento de que os aprendizados sobre modos de existência, sobre modos de comportar-se, sobre modos de constituir a si mesmo para os diferentes grupos sociais, particularmente para as populações mais jovens, se fazem com a contribuição inegável dos meios de comunicação, nos fazendo indagar o modo de construirmos o processo de ensino-aprendizagem. Qual o melhor método? O que abordar e contextualizar?

O processo tradicional de ensino não é mais capaz, sozinho, de realizar esta tarefa, está além de suas possibilidades, hoje a educação precisa ultrapassar a sala de aula e atender às necessidades imediatas da sociedade, posição dominante entre os teóricos do ensino. A relação entre cinema e conhecimento, no entanto, vai além do campo da educação formal. Os novos métodos educacionais devem contar principalmente com a utilização dos meios de comunicação, como o rádio e o cinema (MIRANDA, 2012). Desde os primórdios da produção cinematográfica, o cinema sempre foi considerado, inclusive pelos próprios produtores e diretores, um poderoso instrumento de educação e instrução.

Não é possível ignorar o impacto causado pela criação e difusão do cinema e outros meios de comunicação de massa na sociedade do século XX. De maneira geral, os documentos visuais são utilizados de forma marginal e secundária, de acordo com Figueira (1995). A relação entre cinema e educação, inclusive a educação escolar, faz parte da própria história do cinema, onde o que é específico do cinema em relação ao conhecimento é que este está contido na imagem, ou melhor, na edição das imagens. Ao considerarmos os conhecimentos e saberes dos filmes, transcendemos o uso do cinema e do audiovisual como ilustração, motivação e exemplo. Cinema é arte e as artes auxiliam na formação do cidadão ao:

- mobilizar a expressão e a comunicação pessoal;
- intensificar as relações dos indivíduos tanto com seu mundo interior como com o exterior;
- auxiliá-lo a compreender a diversidade de valores que orientam tanto seus modos de pensar e agir como os da sociedade;
- favorecer o entendimento da riqueza e diversidade da imaginação humana;
- torná-lo capaz de perceber sua realidade cotidiana mais vivamente, reconhecendo e decodificando formas, sons, gestos e movimentos que estão à sua volta.

Desde a década de 1910, os anarquistas desenvolveram uma intensa reflexão sobre os usos do cinema, como um instrumento a serviço da educação do homem, do povo e da transformação social (FIGUEIRA, 1995). Essa transformação social deve acontecer desde a formação do professor, que, por sua vez, deve considerar os saberes do aluno, pois o saber é um saber plural, oriundo da formação profissional, de saberes disciplinares, curriculares e experienciais.

A inclusão de novas formas de construir o processo de ensino e aprendizagem é uma medida necessária para uma formação integral e adequada às características culturais do cidadão das sociedades modernas. O cinema torna-se uma proposta educativa evidente, quando representa um instrumento de mudança social, pelas vias das técnicas e da ciência.

Para Duarte (2002, p. 17) “[...] ver filmes é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais.” Dentro do contexto da utilização do cinema como veículo, ferramenta de ensinar, temos a oportunidade de focar aspectos históricos, literários e cinematográficos, seja de forma separada e/ou em conjunto. Através destas possibilidades podemos trabalhar com os temas transversais, estabelecidos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que constituem uma possibilidade do saber, da memória, do raciocínio, da imaginação e da estética, entre outros, ou seja, de integração dos saberes.

Diante do exposto podemos entender que o cinema é uma ferramenta de trabalho motivadora, inovadora, bem como instrumento capaz de envolver várias disciplinas e conteúdos programáticos num mesmo momento, podendo ser inserida, em linhas gerais, num grande campo de atuação pedagógica. Uma das justificativas mais comuns para o uso do cinema na educação é que o cinema motiva para o processo de aprendizagem. Entendamos, no entanto, que esta metodologia por si só não resolverá a problemática da educação no Brasil.

É preciso também compreender que a possibilidade de adequação do cinema na sala de aula deve condicionar-se à existência de uma sala, tela, projetor, vídeo, DVD e som. Além do mais, deve-se trabalhar de forma interdisciplinar para que não haja quebra do conteúdo, uma vez que o filme a ser trabalhado não dura somente cinquenta

minutos, e o aluno precisa compreender que se faz necessária a contextualização e a interdisciplinaridade. O professor, ao optar por esta metodologia, deve estar preparado para buscar todas as fontes possíveis, tomando como base o contexto sócio-histórico-cultural.

## 2.2 CUIDADOS A SEREM ADOTADOS QUANDO DA UTILIZAÇÃO DE FILMES EM SALA DE AULA

Ao estabelecer o uso de filmes em sala de aula, o professor deve ter em mente cada passo da aula, os tópicos que serão discutidos, os temas complementares que irão auxiliá-lo na explicação, quais outros recursos (além do filme) poderão implementar o trabalho, que estratégias devem ser usadas para dinamizar o rendimento, que ações individuais (a postura a ser adotada) o professor deve tomar para fazer os alunos se interessarem pelo assunto, além dos melhores textos para discutir o assunto da aula, a adequação do filme ao conteúdo, tempo de duração para o período considerado etc. Não existe muita novidade em utilizar recursos audiovisuais como recurso didático, assim como se podem usar músicas, slides, fotos, poesia, literatura e filmes como ilustração e melhor compreensão do conteúdo. É sempre um instrumento para a aprendizagem. O cinema, enquanto arte, como dito, tem a vantagem de poder usar das várias formas de linguagem pelas outras artes, conseguindo, desta maneira, se comunicar com profundidade e envolvimento.

Como em qualquer arte, o cinema exprime, direta ou indiretamente, os valores do autor do roteiro, do diretor, da sociedade e do momento histórico no qual foi realizado. Ele se constitui em uma fonte de cultura e informação. Também é uma indústria, é um produto, e os produtores nem sempre estão interessados na verdade, o que exige, dada a sua grande influência, a análise de seu papel e de sua ideologia. No entanto, é um meio de expressão artística, um importante instrumento de comunicação e, por isso,

ignorá-lo como meio didático-pedagógico pode ser omissão no processo educativo.

É um recurso que pode ser usado para criar condições para um conhecimento maior da realidade e para uma reflexão mais profunda. Além disso, a quantidade cada vez maior de filmes documentários e de investigação científica de boa qualidade torna desejável – ou talvez, obrigatória – sua utilização como um instrumento de complementação e/ou substituição do material pedagógico tradicional. Mas é necessário ter critério para utilizá-lo e não somente para estar “em dia com a modernidade”. O filme, quando comum realizado com finalidades comerciais, possui um empecilho: é longo. Não deve ser somente para cobrir a falta de assunto ou para suprir a ausência de docentes em sala de aula, como fazem algumas escolas. Com a carência de docentes, escolas, que pertencem a governos pouco empenhados em educação, colocam o videocassete ou o aparelho de DVD para funcionar.

Não é o filme um substituto de professores e nem o seu uso pode ser aleatório. É algo importante como um recurso para a aprendizagem e, por isto, deve-se sempre refletir sobre a sua utilização. Não deve ser usado como mais uma ilusão, como algo novo, mas que não diz nada, tão a gosto dos burocratas do ensino que estão ausentes da sala de aula ou que propõem veículos de pouco serviço e com pouca utilidade para a aprendizagem. As aulas se constituem em momentos de análises críticas da realidade e também de locais para sonhar com um diferente e, como tais, devem ser pensadas como locais de compreensão a partir de um conteúdo rigoroso e de descobertas de caminhos, inclusive para a superação de obstáculos à nossa própria atividade.

O cinema pode ser mais útil, na sala de aula, na forma de documentários ou curtas de ficção. Eles possibilitam, após preparação, passar o filme e discuti-lo durante o período de uma aula. Não parece muito correto utilizar duas ou três aulas, em dias diferentes, para

passar um filme e somente discuti-lo na outra semana. Neste caso, de acordo com a classe social dos alunos, é mais importante aconselhá-los a assistir ao filme em casa para a análise em sala de aula. Ou estimular a ação dos Grêmios, para que passem determinados filmes durante a semana, fora do horário normal das aulas. Além de ser uma atividade importante, realizada pelos alunos, estimula a permanência por mais tempo na escola, com atividades úteis para o processo ensino-aprendizagem.

Existem situações nas quais a impossibilidade de visitar ou de voltar ao passado pode ser preenchida pelo cinema, com os alertas necessários a respeito da paisagem e da ideologia do diretor. Devemos lembrar que o fato de uma paisagem ser considerada bela é mais um reflexo de condicionamentos socioculturais. Estas paisagens são também urbanas, e, muitas vezes, a especulação imobiliária se ocupa delas. Além disso, quando o ponto de observação é alterado, a paisagem muda. Numa grande cidade vista do alto de uma torre, por exemplo, o plano da cidade não é visível em virtude do elevado número de espaços ocultos.

Certos lugares foram escolhidos como belos pelas agências de turismo. O deslizamento de escalas é uma das características do olhar sobre a paisagem. As coisas vão ficando cada vez menores em direção ao horizonte, provocando um efeito de distanciamento.

Se no primeiro plano nós somos abatidos por todas as formas visíveis da miséria, estas não são mais perceptíveis a certa distância, onde se estabelece uma certa ‘harmonia’ de forma e de cores. A mais abominável das favelas será, a certa distância, apenas uma mancha de cor que se integrará ‘perfeitamente’ na paisagem. A paisagem vista obliquamente de algumas centenas de metros de altitude torna-se totalmente ordenada e bela.

Uma fábrica qualquer com fumaças pestilentas, cercada por rejeitos nocivos, exibirá, do alto, a lógica de sua planta, a brancura da cortina de fumaça. A cidade não tem barulho nem congestionamentos; os pardieiros ou o luxo dos belos bairros tornam-se uma estrutura bem organizada. A vista aérea vertical é bem menos impressionante, pois o desaparecimento da terceira dimensão faz com que não se possa projetar sobre essa carta muda, os impulsos afetivos que desencadeiam a vista das belas paisagens. O filme deve ser inserido naquilo que se pretende trabalhar, em um processo de buscas de interpretações com base em referências como o saber escolar e o saber do mundo.

É preciso estabelecer mediações entre o encenado e a vida cotidiana, entre a fantasia e a realidade, entre o que é revelado e o ocultado, entre o observado e o observador. Nele nem tudo é completamente verdadeiro e nem completamente falso, o que faz com que nenhum filme seja considerado inocente. A questão é que hoje, para muita gente, a imagem fornecida pelo cinema é mais significativa do que a fornecida por outros meios. Ou seja: se um filme pode fazer com que se enxerguem melhor os aspectos da vida, pode também abrir campos de ação dos quais nada se sabia e fornecer aspectos inexistentes de uma vida em um local, interessantes para determinado poder.

Por isto, se alguns consideram o cinema uma espécie de arte, outros acham que não passa de uma ideologia, de um negócio vinculado a uma exploração estrategicamente programada por determinados meios de produção de massa. É uma técnica ou uma arte? Uma obra ou uma mercadoria? Ou tudo isso? Daí a necessidade de atenção e de análise.

Em uma análise que não cabe à Geografia, o cinema é um sistema complexo que, através de tecnologia, iluminação, edição, cenário, direção e outros aspectos, pode contribuir para a constituição de imagens

do mundo. Muitas das realidades evocadas são ausentes, estando presentes apenas na imaginação, dissolvendo as fronteiras entre o imaginário e o real.

O fato de capturar o espectador, de conduzi-lo pela estrutura narrativa refeita por ele (espectador) à medida que vai assistindo ao filme faz, muitas vezes, com que a função do sujeito que observa seja a de produzir um ponto de vista sobre o que viu. Nem sempre os objetivos do diretor são atingidos, sendo os efeitos diversos do pretendido. Daí não ser um filme objetivo; além da intenção de seus autores, existe também a leitura feita pelos que o assistem, que chegam a estabelecer relações não existentes na tela ou nas intenções de seus realizadores. Possibilita entender certos eventos – mas não mudá-los – e pode ser útil para ações futuras.

Do ponto de vista geográfico, talvez possam ser levantados alguns aspectos úteis para a observação: a ideologia do autor e do diretor, a visão etnocêntrica, os arquétipos presentes na figuração, a autenticidade das paisagens e as opções de enquadramento do espaço representado. Normalmente, os lugares representados nas imagens não são autênticos, a ação não se passa no lugar aludido pela trama. Belas paisagens são construídas com o apoio de telas panorâmicas, locais paradisíacos e florestas são criados em estúdio, sem as marcas produzidas pela História. Procuram-se características visuais assemelhadas às projetadas para as ações.

É fundamental também ver a visão etnocêntrica; a criação cinematográfica é marcada por estereótipos e clichês para reproduzir concepções que se pretendem homogeneizadoras. Diversas sociedades são mostradas através de leituras redutoras e reprodutoras de preconceitos, principalmente aquelas que não partilham os mesmos valores, os mesmos objetivos do mundo ocidental, a “matriz da civilização”. Indiretamente, são condenados por não possuírem as características da civilização ocidental e cristã.

Ocorre principalmente em filmes ligados à África, nos quais normalmente aparecem o caçador, o aventureiro, o colonizador, como heróis solitários, românticos, vivendo em um ambiente misterioso e hostil que precisa ser domado, que necessita ser “civilizado”.

Nestes filmes geralmente aparecem as florestas densas e fechadas e/ou as grandes e abertas savanas, com os clássicos clichês sobre a região: animais ferozes, tribos violentas e antropófagas, mulheres selvagens e de costumes bizarros, comportamento cooperativo de alguns figurantes e, de outros, arredo e violento. Isto tudo para mostrar o homem branco e de origem europeia como a única referência de inteligência, de racionalidade, de civilização. Na maioria destes filmes o olhar aparentemente neutro e realístico da câmera toma a posição dos conquistadores. Todos os negros africanos são tratados como expressões do atraso, da barbárie, como se o continente fosse algo uniforme.

Na construção de uma estrada de ferro, normalmente, não se diz a intenção, qual seu roteiro, para qual utilidade foi construída. O que lá existe de bom foi colocado pelo europeu, comprovando que é possível construir uma vida civilizada naquele ambiente selvagem. Pouco se diz sobre a exclusão das diversas sociedades africanas em seu próprio território.

O cinema não é, portanto, um registrador da realidade; é uma construção de códigos, convenções, mitos e ideologias da cultura de quem os realiza. Diversas vezes faz parte de uma estratégia de dominação, de divulgação de estilos de vida e de concepções de mundo, para modificar a identidade cultural de determinada nação.

Existe, muitas vezes, para atuar sobre determinada tradição cultural, para modificar corações e mentes, para que pensem e ajam de modo diferente. Além de subjetivo, não é uma construção isolada do sistema sociocultural do qual se origina. Há, inclusive,

coisas pouco perceptíveis, como o jogo de planos e de enquadramentos (alto/baixo, perto/longe, vertical/horizontal), cujas sequências são criadas para se constituir em significações nas quais os personagens transmitem sensações de angústia, de solidão etc.

Atualmente, em virtude do desenvolvimento dos meios de comunicação, existe uma grande massa de informações que chega contínua e rapidamente; e é preciso formar um juízo crítico sobre ela. No entanto, em razão da exígua carga horária de Geografia no currículo escolar, é difícil a inclusão de filmes normais no conteúdo programático e os mesmos serem objeto de análises profundas. Entretanto, isto não significa uma diminuição da importância de seu emprego e nem de sua utilização como distração.

Daí a sugestão de que alunos procurem assistir aos filmes recomendados, em pequenos grupos, inclusive na residência de um deles, com discussões posteriores sobre, por exemplo, a problemática principal e sobre a relação com o conteúdo estudado em sala de aula. Há necessidade de se trabalhar com a imagem cinematográfica, de incluí-la em planejamento, mas também é preciso ter como foco criar condições para que se estabeleça uma visão crítica sobre a sociedade do espetáculo, sobre a visão etnocêntrica e ideológica.

## 5 MATERIAIS E MÉTODOS

O Trabalho de Graduação constituiu-se na execução de uma série de atividades relacionadas à elaboração de *paper*, atividades estas iniciadas com a leitura do caderno e a definição de conteúdos/temas para elaboração do trabalho. Na sequência realizaram-se encontros de orientação com a professora orientadora, a coleta e síntese dos dados relacionados à área de concentração do *paper*, a elaboração de sua primeira parte com a fundamentação teórica; da segunda com descrição de

materiais e métodos utilizados, bem como resultados alcançados e discussões pertinentes, tudo a compor rica série de atividades e intervenções, as quais, com toda certeza, forneceram o suporte teórico-prático necessário ao desenvolvimento profissional do futuro professor. Constitui-se em elemento qualificador do Curso de Licenciatura em Geografia, além de apresentar-se como imperativo para obtenção de graduação em cursos de licenciatura, dentro do projeto pedagógico proposto pela UNIASSELVI.

No que tange ao método constitui-se num trabalho de caráter qualitativo, posto que mais apropriado aos estudos de fenômenos mais complexos como os humanos, em contraposição aos quantitativos, mais apropriados aos estudos de fenômenos da natureza, embora a ciência geográfica constitua-se em síntese, não podendo ser meramente qualificada como ciência nomotética ou idiográfica.

Assim sendo pode-se dizer que este trabalho constitui-se, quanto à natureza, em pesquisa básica, quanto à abordagem do problema em pesquisa qualitativa e quanto aos procedimentos técnicos pode ser entendida como pesquisa bibliográfica, à medida que se utilizou de farto material já publicado sobre o tema, basicamente livros, periódicos e artigos, muitos dos quais disponibilizados na internet, dos quais se realizou prévio fichamento para facilitar seu uso na elaboração do texto final.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

De acordo com o preconizado pelo projeto pedagógico da UNIASSELVI para os cursos de licenciatura, este Trabalho de Graduação constitui-se em etapa final de processo que iniciou com a realização de um estágio-pesquisa, passou por um segundo estágio que se constitui na execução de prática docente com turma dos últimos anos do Ensino Fundamental e, posterior, com turma do Ensino Médio. Assim sendo não

pode ser avaliado de forma fragmentada, estanque, senão que contextualizado às práticas citadas, e entendidas como interdisciplinares entre si, à medida que se considerou desde a elaboração das perguntas no estágio-pesquisa, as metodologias e técnicas didáticas utilizadas nas regências da área de concentração escolhida, qual seja, metodologia de ensino e aprendizagem de Geografia, com ênfase no uso de novas tecnologias no ensino dessa ciência.

Assim sendo privilegiamos nos estágios o uso de técnicas e meios ligados ao cinema, de forma a mensurar as vantagens deste tipo de tecnologia na prática docente. Mas não ficamos meramente adstritos aos resultados de nossa prática para concluirmos pela validade do método, antes pelo contrário, já na elaboração da fundamentação teórica dos projetos elaborados antes de cada uma das docências citamos uma série de teóricos que consubstanciavam nosso entendimento, muitos deles também referidos neste *paper*, inclusive com a apresentação de minudente tabela a demonstrar que o uso de som e imagem colabora significativamente para a absorção de conhecimento por parte dos discentes.

Nossa prática demonstrou cabalmente que, de fato, o uso do cinema em sala de aula colabora significativamente no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, à medida que dota o professor de inúmeras variáveis técnicas do desenvolvimento da aula, como anteriormente citado, e possibilita ao aluno um entendimento mais abrangente e significativo do que aqueles disponibilizados e possibilitados pela velha e recorrente palestra expositiva, utilizada quase que como técnica exclusiva pela maioria de nossos mestres.

#### **5 CONCLUSÃO**

Avaliando o desenvolvimento da série de atividades executadas durante diferentes momentos da elaboração deste *paper* constatou-se que estas oportunizaram

a releitura de uma série de conhecimentos referentes às mais diversas disciplinas anteriormente cursadas, permitindo não somente reafirmar conceitos, mas também revisá-los e reelaborá-los, principalmente quando estiveram associados à execução da regência, ocasião ímpar onde associamos teoria e prática.

Também não é demais repetir aqui posição exposta nos memoriais referentes ao Estágio III, de que o professor é antes de tudo um transmissor de conhecimento e principal ator do processo de ensino, único capaz de reverter esta lógica perversa que conduz o ensino público a níveis cada vez mais baixos, quando submetido a qualquer forma de avaliação socialmente válida. Aliás, sobre avaliação da educação no Rio Grande do Sul quero referir palavras do Prof. Cláudio Moreno<sup>1</sup>, publicada em coluna do Jornal Zero Hora, para quem, dentre outras, as mazelas de nossa educação decorrem do fato de que:

[...] Alguns teóricos (infelizmente muito populares por aqui) ficaram de tal maneira enfeitados pela ilusão onipotente de formar um quimérico “homem novo” (conceito funesto, aliás, compartilhado pelo Fascismo e pelo Comunismo, movimentos que a História condenou) que passaram a defender e aplicar princípios que contribuíram para a erosão da qualidade de nosso ensino. E foi assim que, como reflexo de um espelho deformante, o aluno passou a ser visto como uma minoria oprimida pelos professores, os conteúdos passaram a ser vistos como dispensáveis, a formação pedagógica passou a ser vista como mais importante para o professor do que a especialização em sua disciplina específica – tudo, religiosamente tudo, bem ao contrário do que se espera de uma escola verdadeiramente republicana. O resultado está aí. (MORENO, 2012, p. 6, grifo nosso).

<sup>1</sup> Professor, escritor, colunista e ensaísta (Rio Grande – Rio Grande do Sul). Professor de Letras e Jornalismo da UFRGS, onde se graduou em Letras em 1969, com habilitação em Português e Grego; concluiu mestrado em 1977 e doutorado em Letras em 1997.

Também aproveito para reiterar agradecimento a todos os professores e funcionários da UNIASSELVI e do IERGS envolvidos, direta ou indiretamente, em minha formação, destacando entre esses a Professora Helena Maria Hunning Bom, minha tutora externa, incansável na orientação e estímulo para que tudo corresse da melhor forma possível durante as diversas etapas do desenvolvimento desse curso, a qual faço questão de elogiar pela competência e o interesse demonstrado para com cada um dos integrantes da já saudosa Turma GED1024.

## REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Suely Amorim. Possibilidades pedagógicas do cinema em sala de aula. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, n. 79, dez. 2007. Disponível em: <<http://www.espaçoacademico.com.br/079/79araujo.htm>>. Acesso em: 21 set. 2012.
- DUARTE, Rosália. **Cinema e educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- FIGUEIRA, Cristina Aparecida. **O cinema do povo: um projeto de educação anarquista 1991-1921**. 1995. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1995.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública**. São Paulo: Loyola, 1989.
- LUNA, Sergio Vasconcelos de. **Planejamento de pesquisa**. São Paulo: EDUC, 2007.
- MARTINS, Josenei. **Didática e avaliação**. Indaial: UNIASSELVI, 2009.
- MIRANDA, Carlos Eduardo Albuquerque. **A educação pelo cinema**. Disponível em: <[http://www.artigocientifico.com.br/uploads/artc\\_1153335383\\_46.pdf](http://www.artigocientifico.com.br/uploads/artc_1153335383_46.pdf)>. Acesso em: 10 maio 2012.

MORENO, Claudio. Educadores em crise. **Zero Hora**, Porto Alegre, set. 2012. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/especial/rs/portal-social/19,0,3874858,Educadores-em-crise.html>>. Acesso em: 24 out. 2012.

NOGUEIRA, Claudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Revista Educação e Sociedade**, São Paulo, n. 78, abr. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n78/a03v2378.pdf>>. Acesso em: 7 jan. 2011.

PILLETI, Claudino. **Didática geral**. São Paulo: Ática, 1997.

SACRISTÁN, J. Gimano; GOMÉZ, A. I. Pérez. **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. São Paulo: Artmed, 2007.

SANT'ANNA, Ilza Martins; MENEGOLA, Maximiliano. **Didática**: aprender a ensinar. São Paulo: Loyola, 2002.